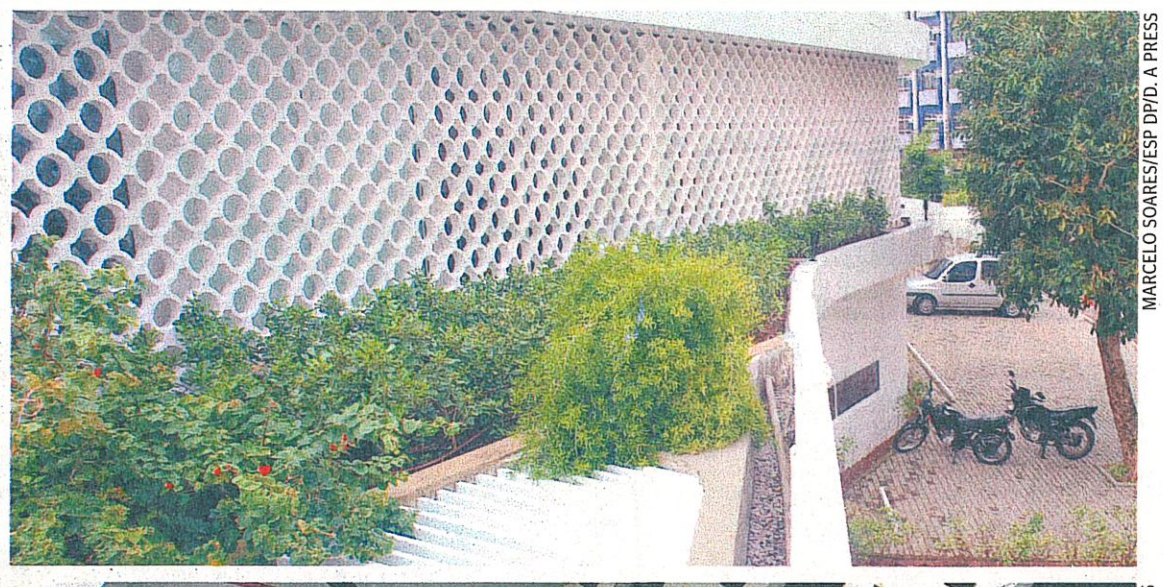
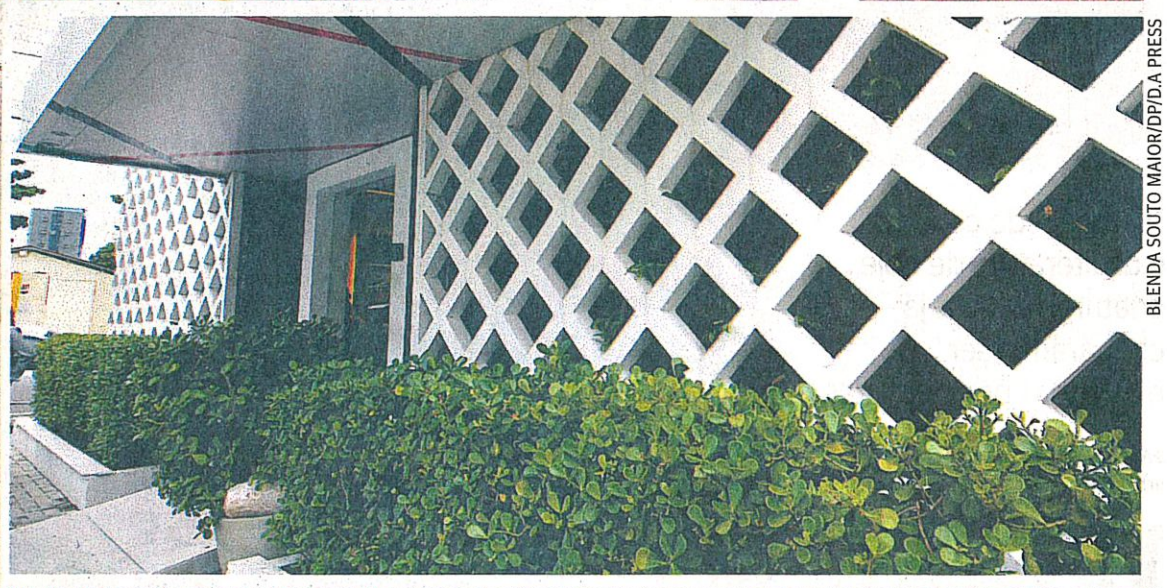
+ galeria de fotos

MARCELO SOARES/ESP DP/D. A PRESS



MARCELO SOARES/ESP DP/D. A PRESS



BLENDA SOUTO MAIOR/DP/D.A PRESS

CECILIA DE SA PEREIRA/DP/D.A PRESS

Prédio da Caixa d'água de Olinda (acima) foi o primeiro no estado a ter cobogós. Ao lado, engenhoca aplicada em escritório, salão de beleza e restaurante no Recife

Cobogós ganham vida novamente

Depois de muito tempo sendo considerado artigo de segunda categoria, peça está em moda na arquitetura

ANA CLÁUDIA DOLORES
anadolores.pe@dabr.com.br

Eles haviam perdido espaço para o vidro e os ambientes refrigerados, nas edificações recentes, e foram tachados de peças de segunda categoria, próprias de cômodos menos nobres, como banheiros e áreas de serviço. Depois de passarem por uma fase que parecia selar sua decadência, os cobogós estão sendo re-editados e voltaram a ter destaque em projetos da arquitetura contemporânea. O retorno dos cobogós faz parte dos esforços empenhados pelo Instituto dos Arquitetos do Brasil (IAB) para revalorizar criações da chamada Escola Pernambucana de Arquitetura. E os motivos disso são mais funcionais que estéticos. Os elementos vazados casam com a necessidade dos arquitetos de criar ambientes ecologicamente corretos e sustentáveis. Por permitirem a circulação do ar e quebrarem o excesso de luminosidade no ambiente sem, isolá-lo completamente, os cobogós se configuram como uma solução inteligente para economizar os recursos naturais.

A solução foi proposta, em 1929, pelos engenheiros pernambucanos Coimbra, Boeckmann e Góis, cujas sílabas iniciais formam o nome da engenhoca. O trio se inspirou nas treliças de madeira de origem moura, presentes na arquitetura colonial portuguesa, e no movimento modernista da década de 20 para compor a peça de areia e cimento que podia ser produzida em larga escala. "Eles construíram um elemento novo industrializado que foi colocado à disposição dos edifícios que iam ser feitos pelos modernistas", remonta o professor do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Antenor Vieira de Melo.

Criados para servir ao clima quente dos trópicos, os cobogós foram largamente usados, em meados do século passado, em edifícios que primavam pela ventilação e iluminação naturais. Depois, caíram em desuso por conta da imposição da arquitetura americana nos projetos regionais. "Abusaram dos vidros e do ar condicionado, sem pensar na sustentabilidade", critica o professor. Com a mudança de ótica dos projetistas, os cobogós estão voltando ao cenário com a mesma funcionalidade, mas com usos estéticos diferentes. Novos desenhos e materiais, como vidro e madeira, estão agregando valor ao elemento construtivo. "O cobogó agora tem melhor acabamento, por sofrer um processo de industrialização mais moderno. A tendência mundial é fazer com que o edifício provoque sensações e o elemento vazado proporciona isso, quando cria sombras e efeitos de luz nos espaços internos", afirma a presidente do IAB-PE, Vitória Régia Andrade.

Cobogós foram inventados por engenheiros pernambucanos

Comuns nas fachadas, os cobogós, em sua nova fase, estão cada vez mais presentes em cômodos como quartos e salas, nas residências, e compondo a divisória de ambientes, em lojas e restaurantes. No Recife, os arquitetos Zezinho Santos e Turíbio Santos assinaram projetos de estabelecimentos comerciais que abusam dos cobogós, como um salão de beleza, em Boa Viagem, e um bar, no Parnamirim. No primeiro, pesou o argumento estético. "As janelas da casa eram feias e refazer tudo iria sair muito caro. A solução foi vesti-la com cobogós", revela Zezinho Santos. No bar, a intenção foi dar privacidade a quem estava dentro do estabelecimento e ajudar a poupar energia elétrica, já que, por ter ficado parcialmente aberto, o ambiente dispensou o ar condicionado. "Além de ser um elemento nosso, o cobogó pode ser desenhado de muitas formas, o que nos dá liberdade para criar. Sem contar com sua função de permitir a circulação do vento e de quebrar a luminosidade. No meu escritório, por exemplo, passo a maior parte do dia com o ar e a luz desligados, graças aos cobogós da fachada do prédio."